

GARGALOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O TRABALHO COM ESTUDANTES SURDOS(AS) NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Elisabete Marques Cardozo de Sousa¹

Elenice Monte Alvarenga²

Resumo

Em discussões na educação dos(as) surdos(as), a ação linguística é essencial para aprendizagem das línguas, visto que muitos surdos(as) chegam à escola com dificuldades de escrita e leitura. Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar dificuldades relativas às habilidades linguísticas de estudantes surdos(as) e explorar o uso da internet como recurso potencializador durante escrita e leitura em Língua Portuguesa na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Aplicou-se estudo de campo com docentes de Língua Portuguesa atuantes no Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Como resultados, destacaram-se dificuldades desses docentes no processo de ensino da Língua Portuguesa com estudantes surdos(as) e o uso da internet como recurso potencializador na busca de conhecimento durante esse processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Alunos Surdos; Escrita e Leitura; Internet.

BOTTLENECKS IN TEACHER TRAINING FOR WORKING WITH DEAF STUDENTS IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION

Abstract

In discussions on deaf education, linguistic action is essential for language learning, since many deaf people arrive at school with writing and reading difficulties. The aim of this research was therefore to analyse difficulties relating to the language skills of deaf students and to explore the use of the internet as an empowering resource during writing and reading in Portuguese in Professional and Technological Education (EPT). A field study was carried out with Portuguese language teachers working in secondary education at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí (IFPI). The results highlighted the difficulties faced by these teachers in teaching Portuguese to deaf students and the use of the internet as a resource that enhances the search for knowledge during this teaching-learning process.

Keywords: Portuguese Language; Deaf Students; Writing and Reading; Internet.

Introdução

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT). Professora efetiva da Seduc-PI. elisabete.cardozo72@gmail.com

² Doutora em Biotecnologia. Docente permanente no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) *campus* Cocal, Rodovia PI 213, km 21, Cocal-PI. elenice.alvarenga@ifpi.edu.br

Por muitos anos, a Língua de Sinais (Libras) foi compreendida como uma forma de comunicação rudimentar e incapaz de transmitir conceitos abstratos sendo resumida somente a gestos. Por séculos predominou a ideia de que alguém que não pudesse ouvir, não adquiriria uma linguagem, e também não poderia aprender, sendo impossível o desenvolvimento de seu raciocínio (Oliveira, 2011).

Somente a partir da década de 1990, e também com o advento da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5626/2005 (Brasil, 2002; 2005), passou-se a discutir a importância de uma educação bilíngue para surdos(as), priorizando a Libras como língua materna e a Língua Portuguesa (LP) como segunda língua na modalidade escrita, pois, assim, eles/elas teriam possibilidade de desenvolver as duas línguas por meio do bilinguismo aditivo, o que proporciona um melhor desenvolvimento cognitivo.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) (Brasil, 2021), entende-se por educação bilíngue de surdos(as), a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em Português escrito, como segunda língua. Visando assegurar, dessa forma, os direitos da pessoa surda, oferecendo o aprendizado por meio da aquisição da Libras.

Diante disso, é preciso se pensar que, na educação de surdos(as), faz-se necessário considerar a complexidade desses alunos estarem entre a discursividade de duas línguas diferentes, sendo imprescindível um olhar metodológico sobre a compreensão e produções textuais para essa heterogeneidade quanto ao aprendizado da LP.

Nesse sentido, compreende-se ser relevante o aprofundamento de estudos que considerem a escrita e a leitura da LP pelos(as) surdos(as) a partir da Libras como processos de ensino e de aprendizagem que possam contribuir na minimização ou no suprimento das dificuldades durante atividades relacionadas à interpretação de texto e produção escrita por este público.

É nessa perspectiva que se coaduna a ideia de que a escrita e a leitura representam, talvez, uma das maiores preocupações para os(as) professores(as) de LP que lidam com a educação de surdos(as), pois apesar de haver muitas pesquisas sobre a escrita e a leitura dos(as) alunos(as) surdos(as), admite-se que é no espaço

de sala de aula que essas práticas se materializam, tornando desafiadora a atuação destes profissionais.

As rápidas e inovadoras transformações no mundo do trabalho, o intenso desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas e, em relação aos surdos, o conhecimento da língua materna deles, vêm lançando novas exigências para a produção do conhecimento e desafiando a escola, de um modo geral, a repensar o seu processo de formação. Nesse contexto, surgem novas reflexões, atuando como catalisador de uma nova forma de pensar da escola apresentando-se como um possível marco inicial no processo de reestruturação do ensino oferecido aos estudantes surdos, com direitos linguísticos próprios e que necessitam ser respeitados e valorizados cada vez mais, priorizando a educação bilíngue.

Para Quadros (1997), com relação à educação dos(as) surdos(as), se define o bilinguismo de duas formas diferentes, uma delas envolvendo o ensino da segunda língua quase que de forma concomitante à aquisição da primeira língua, e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira língua. Pensando-se na facilidade da criança em assimilar mais conhecimentos, o ensino das duas línguas se constrói por meio de metodologias criativas aplicadas com uma variedade de recursos adaptados, favoráveis ao processo de ensino aprendizagem de estudantes surdos.

Assim, a educação bilíngue se compreende como uma escolarização que não só respeita a especificidade linguística dos(as) surdos(as) como também a sua experiência visual na sua forma singular de ler e apreender o mundo, percebendo e valorizando a necessidade da aprendizagem da língua oral do país na modalidade escrita.

No entanto, sobre este tema Ferraz (2011, p. 146), afirma que:

[...] não há disponível, em escolas de ensino regular, material específico para o ensino de português escrito para surdos, modalidade da linguagem que deve ser o foco para esse público-alvo. Neste sentido, os professores veem-se na tarefa de ensinar o português para turmas de aluno(a)s ouvintes e surdo(a)s em uma perspectiva homogênea, sem ter como levar em conta as necessidades específicas de um público-alvo que precisa do português como segunda língua (L2).

Desse modo, compreende-se que uma das principais mudanças que precisam ser implementadas nas escolas esteja direcionada à formação continuada dos(as) professores(as) de Língua Portuguesa e também aos materiais didáticos levando sempre em consideração as especificidades dos(as) alunos(as) surdos(as) e a modalidade de ensino de segunda língua.

Sanchez (1994) destaca que, para o surdo adquirir o domínio da língua escrita, é necessário e imprescindível que antes aconteça um ambiente de leitura em que o surdo esteja imerso, partilhando dessa atividade de forma prática, sendo importante o papel do professor de LP fazendo uso de metodologias de ensino e recursos didáticos variados e satisfatórios aos objetivos propostos.

Historicamente, atribuem-se as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita do(a) aluno(a) surdo(a) à surdez. Entretanto, debates tomam novos rumos e está demonstrado que tais dificuldades decorrem de uma educação deficiente que não atende às suas demandas linguísticas, pois precisa ser moderada pela língua de sinais (Sousa; Pacheco, 2018).

Se para o(a) surdo(a) a LP é a segunda língua e para o(a) ouvinte é a primeira, então a metodologia de ensino não pode ser a mesma. O acesso à língua é outro, já que para o(a) surdo(a) é visual-espacial e para o(a) ouvinte é oral-auditivo. Pensar na língua como atividade discursiva significa rever as práticas de ensino para surdos(as), pois no caso destes(as) alunos(as) deve ser levada em consideração também a questão de que aprendem a ler e a escrever uma segunda língua.

Chaves e Rosa (2014, p.10) afirmam que:

[...] o aprendizado da língua portuguesa escrita pelo surdo é dificultado devido às metodologias de ensino apresentarem como ponto de partida a escrita associada ao grafema-fonema e, algumas vezes, ser instruída de forma descontextualizada e mecânica. Essa concepção, de acordo com o autor, torna-se difícil à criação de uma proposta mais efetiva para o ensino da língua portuguesa escrita, deixando o surdo restrito ao pouco que possa se ampliar em relação à sua grande potencialidade para a escrita.

Sendo assim, é imprescindível que o ensino da LP como L2 para surdos seja pautado em situações reais do uso da língua e no modo visual de apreender o mundo inerente às pessoas com surdez. As autoras Carneiro e Nogueira (2020, p. 46) defendem que “os surdos estabelecem um melhor significado do que leem, quando os textos apresentam também imagens”, compreendendo de forma mais clara o contexto e havendo uma maior inclusão no meio social. Portanto, cabe ao(a) professor(a) utilizar meios que despertem no(a) aluno(a) da formação técnica e profissional, conhecimentos e habilidades de linguagens e tecnologias em diferentes contextos e que permitam o estudo de diferentes línguas, e a Libras é uma delas. É interessante portanto, pensar em uma metodologia que atenda às necessidades e especificidades dos(as) estudantes surdos(as), que são participantes de um mundo visual e aprendem, a partir dele, para a construção de seus conhecimentos. Assim, o(a) professor(a) deve pensar, planejar e ensinar a partir de práticas bilíngues que atendam aos(as) surdos(as).

Frente a isso, pretendeu-se investigar junto aos professores em espaço formal de ensino público relacionado à EPT quais as dificuldades apresentadas durante o processo de escrita e leitura de gêneros textuais em Língua Portuguesa, além de discutir aspectos relacionados à formação continuada para o trabalho com surdos(as) em sala de aula.

Metodologia

A ciência, na concepção de Severino (2007), é como um tipo de conhecimento que se processa a partir da articulação da teoria com os dados, os fatos da realidade, considera assim a pesquisa com rigor científico e tratando-a de abordar determinada problemática, apoiado num esforço de fundamentação teórica, de reflexão e de um rigoroso levantamento e tratamento de dados e informações.

Esta pesquisa está centrada em uma abordagem quali-quantitativa, a qual fundamenta-se em dados e informações subjetivos que, conforme Minayo (2013), tratam do nível de subjetividade, das vivências, das crenças, dos valores e da realidade social de cada indivíduo. Segundo esclarece Fonseca (2002, p.20), a pesquisa quantitativa, se centra na objetividade considerando que a realidade só pode

ser compreendida a partir da análise de dados brutos recorrendo à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.

Este tipo de abordagem qualitativa tem o intuito de trabalhar com as peculiaridades de um determinado grupo (Gil, 2002). Dessa forma, no que se refere à pesquisa quali-quantitativa, a obtenção dos dados descritivos depende do contato direto do pesquisador com a ação em estudo. Esta é uma pesquisa exploratória, descritiva e explicativa, pois levanta o máximo de informações sobre o tema estudado, descreve, explica e interpreta os fatos, permitindo ao pesquisador aprofundar o conhecimento da realidade (Prodanov; Freitas, 2013). Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa exploratória e descritiva acerca dos temas sobre as dificuldades de escrita e leitura dos(as) estudantes surdos(as) no ensino de LP, com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema e aprimorar ideias sobre a interligação entre estes temas. Para Gil (2002), esse tipo de pesquisa, exploratória e descritiva, propicia maior familiaridade com o problema de modo a torná-lo mais explícito com um planejamento bem flexível, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos a respeito do objeto estudado.

O estudo foi realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), nos *campi* Zona Sul e Teresina Central, ambos localizado no município de Teresina-PI. Os campi do IFPI participantes da pesquisa estão organizados nos termos da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (Brasil, 2008), vinculado ao Ministério da Educação, possuindo natureza jurídica de autarquia, sendo detentores de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar responsável pela Educação Profissional e Tecnológica em diferentes modalidades de ensino. A escolha pelas referidas instituições se deu pelo fato de serem espaços escolares no âmbito da EPT em Teresina-PI, nos quais é possível encontrar estudantes surdos(as) matriculados e, diante disso, haveriam docentes em atuação em sala de aula junto a este público.

O público pesquisado foram os(as) docentes de LP dos *campi* Teresina Zona Sul e Teresina Central do IFPI atuantes no Ensino Técnico articulado ao Ensino Médio na forma integrada, além de estudantes surdos(as) matriculados em cursos de Ensino

Técnico integrado ao Ensino Médio na forma integrada de ambos os *campi*. A escolha dos(as) docentes de LP justifica-se por atuarem diretamente no processo de leitura e escrita em produções textuais dos(as) estudantes surdos(as). No Departamento de Ensino do *campus* Teresina Zona Sul há 4 (quatro) docentes de LP que atuam no Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, em turmas com um ou dois estudantes surdos(as), dos quais 3 (três), aceitaram participar da pesquisa. Já no IFPI *campus* Teresina Central, no DHCL encontravam-se alocados no Ensino Médio Integrado ao Técnico, 2 (dois) docentes de LP, atuando em turmas com estudantes surdos(as), dos quais apenas um aceitou participar da pesquisa.

Dessa forma, esta pesquisa fez uso de questionário como técnica para levantamento de dados, por ser comumente usada em pesquisas relacionadas às áreas de Ciências Humanas e de Educação, além de possuir vantagens como ser mais econômico, além de permitir uma padronização das questões, o que possibilitou uma interpretação mais uniforme dos respondentes, facilitando a compilação e comparação das respostas.

Lakatos (2003) elenca algumas vantagens relativas ao seu uso, dentre as quais se afirmar que o questionário garante respostas rápidas e precisas, liberdade e segurança resguardada pelo anonimato. Assim, foram utilizados questionários semiestruturados aplicados junto a docentes de LP dos *campi* em estudo. As questões, respondidas por este público, continham perguntas que versaram sobre as dificuldades apresentadas durante o processo de leitura e escrita em produções de gêneros textuais diversos em LP, sobre a importância do aprendizado da LP escrita e o nível de compreensão quanto à leitura para os estudantes surdos(as), além do uso dos recursos tecnológicos adaptados para o ensino da LP.

Objetivou-se, ainda, obter informações sobre os principais desafios enfrentados durante o ensino da escrita e da leitura com estudantes surdos(as), qual(ais) a(s) estratégia(s) pedagógica(s) aplicadas, o nível de desenvolvimento dos estudantes surdos na escrita da LP, quais os aspectos textuais nos quais eles demonstravam mais dificuldade durante o ensino, se há coesão textual nas produções escritas produzidas pelos(as) estudantes surdos(as), entre outros aspectos.

Os dados obtidos mediante a aplicação dos questionários foram sistematizados em planilhas do software Microsoft Excel, de modo a se estabelecer a estatística descritiva, além de construir gráficos que possibilitassem a melhor visualização dos resultados. Dessa forma, a tabulação dos dados facilitou a interpretação dos resultados e gerou subsídios para a elaboração das considerações sobre os resultados obtidos na pesquisa. Sob a perspectiva de Sampaio, Assumpção e Fonseca (2018), a estatística descrita é aquela que tem por finalidade a descrição acerca de um fenômeno estatístico em que há coleta, organização e apresentação dos dados obtidos.

Corroborando o exposto, os autores Cosentino, Júnior e Costa (2012) afirmam que, durante a análise estatística, os dados obtidos devem ser inicialmente tabulados e somente depois apresentados de forma conveniente, o que exige planejamento. Os dados obtidos nos questionários aplicados junto aos(as) participantes foram, então, organizados por meio de informações sob código de identificação dos participantes, facilitando assim, a identificação das unidades de análises e garantindo o anonimato dos(as) mesmos(as).

Resultados e Discussão

Previamente à etapa de obtenção de dados por meio de questionários, é válido destacar que, buscou-se também a aproximação junto aos(as) coordenadores(as) do DHLC, de modo a se obter informações sobre os docentes de LP que atuavam com alunos(as) surdos(as). Assim, enquanto acontecia a Semana Pedagógica ocorreu também o primeiro contato com os(as) docentes de LP do IFPI *campus* Teresina Zona Sul por meio do qual apresentou-se a pesquisa e estabeleceu-se o convite para participação.

Com os(as) docentes do IFPI *campus* Teresina Central, o contato foi mediado pelas coordenações dos NAPNEs e departamento de ensino, tendo sido, ainda, realizadas observações em aulas desses(as) docentes, em que se possibilitou a visualização da metodologia e estratégias utilizadas durante as aulas de LP com estudantes surdos.

Mediante a aplicação dos questionários junto aos(as) participantes da pesquisa, foi possível identificar as dificuldades relativas às habilidades linguísticas fundamentais aos alunos surdos, desafios enfrentados pelos(as) docentes de LP no ensino com estudantes surdos(as) e, ainda, explorar materiais didáticos na internet que auxiliem durante as aulas de LP, pela percepção dos respondentes.

Quanto à caracterização dos(as) participantes docentes do estudo, 25% dos(as) professores(as) de LP possuem doutorado, enquanto 75% deles(as) têm formação em nível de mestrado. Quanto à atuação com surdos(as) 25% destes(as) docentes, atuam de 2 a 5 anos com estudantes surdos(as) em suas salas de aula, enquanto 75% dos(as) docentes possuem atuação há menos de 1 ano, com o número de estudantes surdos(as) atendidos variando de 1 a 2 por sala. E ainda quanto à formação, 25% deles(as) possuem curso de Libras, enquanto os(as) outros(as) 75% não possuem formação continuada nesta área, embora todos(as) considerem ser relevante a atuação de um(uma) intérprete de Libras em sala de aula. Interessante notar que, de modo geral, os(as) docentes, embora bem qualificados(as) e com boa relação junto aos(as) intérpretes, ainda não dispõem de cursos específicos em Libras, o que poderia promover uma melhor interação durante as aulas, mesmo com a mediação do(a) intérprete.

Percebe-se que embora a Libras tenha sido reconhecida no Brasil como língua oficial da comunidade surda desde 24 de abril de 2002 e se tornando, assim, um meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei nº 10.436 (Brasil, 2002), ainda é uma língua pouco explorada pela sociedade ouvinte. Considerando-se a oficialização da Libras (Brasil, 2005) como língua nacional, sua expansão de uso e a necessidade de formação de profissionais foram definidos alguns aspectos, como: a LP escrita deve ser adotada durante todo o processo de escolaridade do surdo(a), a necessidade de um tradutor e intérprete de Libras nas escolas e a formação de docentes para o ensino e o uso da Libras, bem como para a tradução e interpretação da Libras e para o ensino da LP como segunda língua. Vale destacar que, as mediações instituídas pelas relações dialógicas estabelecidas entre docentes, intérpretes e estudantes surdos(as), são determinantes no processo de ensino aprendizagem das habilidades leitoras e produções textuais.

Quanto às principais dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no ensino de LP a estudantes surdos em sala de aula na EPT, os resultados evidenciam que, mesmo diante de todos os documentos legais, faltam professores de LP com conhecimento da Libras para atuarem no ensino com estudantes surdos(as). Assim, é importante também destacar que os cursos de formação para professores(as) devem ter a finalidade, de criar uma consciência crítica sobre a realidade que eles irão trabalhar, inserindo conhecimentos relacionados à especificidade linguística dos estudantes surdos, bem como os recursos adaptados de maneira que lhes possibilitem uma ação pedagógica mais eficaz.

Ainda sobre as dificuldades da escrita e leitura de LP por estudantes surdos(as), questionou-se aos docentes sobre a compreensão por parte deles quanto aos textos produzidos por esses(as) estudantes, ao que 50% dos(as) docentes responderam que, apesar das dificuldades, os textos são compreensíveis. Outros(as) 25% dos(as) docentes opinaram que compreendem os textos com muita dificuldade, pois os(as) estudantes não possuem muito domínio de escrita e leitura, e os(as) outros(as) 25% dos(as) docentes afirmaram que, na grande maioria das vezes, não compreendem os textos.

Esse cenário confirma a concepção defendida por Sousa e Pacheco (2018), de que as dificuldades que os estudantes surdos enfrentam no processo de ensino aprendizagem de escrita e leitura decorrem de uma educação deficiente, e não às suas demandas linguísticas, uma vez que precisa ser moderada pela língua de sinais.

Na concepção de Silva (2019), é comum que as produções linguísticas escritas em LP por estudantes surdos apresentem marcas presentes da Libras, modificando ou mesclando, assim, os elementos da escrita da LP, como reportado por alguns professores nesta pesquisa, que mencionaram eventualmente recorrer a intérpretes de Libras para favorecer a compreensão das produções.

Foi ainda questionado aos docentes se estes saberiam precisar o grau de proficiência desses alunos surdos na LP escrita, estabelecendo uma correlação com a escrita da LP de alunos ouvintes do mesmo ano escolar. Frente a isso, percebeu-se que 50% dos respondentes opinaram que os(as) estudantes surdos(as) não apresentam um nível mínimo de proficiência em LP, pois eles(as) ainda apresentam

muita dificuldade em compreender a escrita e a coesão textual destes(as) estudantes surdos(as), o que dificultava uma comparação com os(as) estudantes ouvintes. Já os(as) outros(as) 50% dos(as) docentes responderam que, eventualmente, alguns estudantes, embora ainda apresentem dificuldades, já dispõem de algum grau de proficiência em LP, pois é perceptível o esforço nas produções.

Assim, acreditavam que, em relação aos(as) estudantes ouvintes, os(as) surdos(as), apesar de se esforçarem, apresentavam um nível relativamente diferenciado quanto à escrita, leitura e compreensão textual.

Sobre as questões quanto à escrita de estudantes surdos(as), percebe-se, muitas vezes, que as construções fogem às normas gramaticais do Português escrito apresentando traços marcantes da língua materna. Assim, denota-se a importância do docente de LP possuir conhecimentos linguísticos da Libras, para que possa compreender a construção frasal e a capacidade que sua estrutura pode permitir gerar quanto a uma infinidade de sentenças.

Assim, aponta-se que a Libras, na concepção de Quadros e Karnopp (2004), por se tratar de uma língua com gramática própria, de caráter sinalizada, apresenta alguns elementos de modo diferente do Português oral, uma vez que tem estrutura básica em sujeito-verbo-objeto (SVO), podendo ser feita em outras ordens e obedecendo às suas próprias regras de funcionamento. Quanto aos recursos adaptados conhecidos e utilizados nas aulas de LP, foi questionado aos(as) respondentes qual(ais) estratégias pedagógicas costumam utilizar em seu trabalho com os(as) estudantes surdos(as) no ensino de LP e que tenham percebido eficácia.

Quanto a isso, 75% dos(as) docentes responderam que buscam o suporte integral do intérprete de Libras e apenas 25% deles(as) opinaram fazer uso de recursos tecnológicos durante as aulas, mas não destacaram quais seriam esses recursos. O uso de filmes ou músicas em vídeos com intérprete de Libras ou outras estratégias pedagógicas eventualmente não identificadas no instrumento de levantamento de dados não foram apontadas pelos(as) docentes.

Válido ressaltar que, novamente, é destacado pelos(as) docentes a relevância do trabalho desempenhado pelo(a) intérprete de Libras como um recurso (humano) útil nas aulas de LP com os(as) estudantes surdos(as). Conforme aponta Lacerda

(2011), a obrigatoriedade da presença do(a) intérprete de Libras no ambiente escolar é um fator que possibilita aos estudantes surdos terem acesso ao conteúdo na sua língua materna, a Libras.

A inserção destes(as) profissionais nas escolas em que há estudantes surdos(as) representa o respeito à sua condição linguística, permitindo-lhes construir novos conhecimentos e aumentando as suas oportunidades de desenvolvimento. Segundo Quadros (2004), o profissional intérprete deve intermediar a relação entre professores(as) e alunos(as), e também entre alunos(as) surdos(as) e ouvintes.

Cabe, então, ao(a) docente de LP, que desempenha um papel importante no ambiente escolar, já que é ele quem tem contato direto e constante com os(as) alunos(as) surdos(as), fazer uso de estratégias de ensino e recursos adequados que favoreçam a aprendizagem dos(as) estudantes surdos(as). O uso de materiais adaptados ou elaborados para o surdo(a) durante o ensino da LP, deve ser implementado em sala de aula para que se consiga desenvolver as habilidades leitoras e de produção textual nos alunos, além das estratégias adequadas para as aprendizagens bem-sucedidas, a partir de um ambiente democrático e inclusivo.

É importante observar que o docente durante o ensino de LP em sala de aula pode explorar as linguagens não verbais para contextualizar atividades, tornando-as significativas aos(as) alunos(as) e contemplando a visualidade, fazendo uso de recursos tecnológicos.

Um outro questionamento averiguou qual(is) dos aspectos o(a) docente costumava trabalhar com os(as) alunos(as) surdos(as) no ensino de LP, entre interpretação de textos, produções textuais, vocabulário e gramática. Dos(as) respondentes, 50% afirmaram fazer uso das produções textuais, 25% responderam utilizar a interpretação de textos e os(as) outros(as) 25% optaram por gramática, enquanto nenhum(a) dos(as) docentes informou trabalhar questões relativas a vocabulário com os(as) estudantes surdos(as).

Com isso, percebe-se que, apesar das dificuldades apresentadas pelos(as) estudantes surdos(as) na escrita e leitura, eles ainda se identificam mais com os estudos voltados às produções textuais, o que reforça que o ensino do Português

como L2 para surdos(as), segundo Carneiro e Nogueira (2020), precisa estabelecer um melhor significado àquilo que é lido, em textos que apresentam mais imagens, sendo compreendidos de forma mais evidente no contexto.

Dessa forma, o(a) docente deve fazer uso de recursos pautados na visualidade, explorando a potencialidade e o interesse visual de seu(a) aluno(a). As aulas devem ser planejadas com a utilização de imagens que facilitem a compreensão conceitual, buscando elucidar memórias que possam contribuir para o seu entendimento.

Além disso, Quadros (2004) afirma que o Português enquanto segunda língua, apresenta características de aquisição observadas em processos de aquisição de outras línguas, ou seja, observando-se a variação individual tanto no nível do desenvolvimento do processo da escrita e leitura, bem como nas suas habilidades leitoras e de produções textuais, buscando estratégias diversificadas próprias da comunidade surda. Quando questionados sobre qual(is) recursos adaptados os(as) docentes costumam utilizar durante o ensino de LP aos(as) estudantes surdos, 50% dos(as) docentes responderam conhecer aplicativos em Libras, como o Hand Talk (<https://www.handtalk.me/br/aplicativo/>) e o Vlibras (<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras/>). Já outros 50% dos(as) docentes responderam conhecer outras mídias digitais, como sites e filmes em Libras. Os(as) docentes não apontaram dispor de conhecimento acerca de sinalários, dicionários em Libras e a fonte de Libras, nem informaram dispor de conhecimento sobre livros adaptados em Libras.

Mediante a inclusão dos recursos tecnológicos no ambiente escolar, faz-se necessário rever as concepções de ensino e aprendizagem na educação, visto que que as tecnologias introduziram novos paradigmas na comunicação e novas habilidades também foram desenvolvidas.

As tecnologias possuem sua importância na educação e, consequentemente, na empregabilidade, possibilitando, portanto, o aproveitamento máximo do aprendizado dos estudantes surdos por meio do uso desses recursos, que são atrativos e atendem às suas necessidades e especificidades.

Cabe, então, aos(as) docentes, na perspectiva de Filatro e Cavalcanti (2018), buscarem metodologias que viabilizem uma aprendizagem significativa fazendo uso

da tecnologia. Assim, o(a) estudante surdo(a) atribuirá significado ao que está aprendendo, construindo novas informações a partir dos seus conhecimentos prévios. Ramos (2009) defende que a formação humana integral deverá envolver os principais aspectos da vida humana em sua prática social, desde o trabalho, a ciência até a cultura, além de considerar também a tecnologia.

Nesse sentido, a formação integral deve garantir o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para uma atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade, ao ser em todas as etapas da vida desde o adolescente, o jovem, ao adulto trabalhador.

É imprescindível, então, pensarmos que a forma de um professor ensinar pode transformar a compreensão de conteúdo, as habilidades didáticas ou valores em ações e representações pedagógicas. Tudo isso decorre de suas adaptações em sala de aula, exigindo uma interação rigorosa de suas ideias, pois as concepções do professor devem estar presentes em todas. Portanto, o ensino necessariamente começa com o professor compreendendo o que deve ser aprendido e como deve ser ensinado.

Os resultados obtidos também demonstram que a maioria dos(as) docentes de LP acredita na disponibilização de recursos adaptados em Libras como estratégia para ampliação de seus conhecimentos e contribuição para um contexto educacional que garanta a inclusão escolar do(a) estudante surdo(a). Além disso, eles(as) reconhecem também a necessidade de cursos na área, para que se adequem às adaptações necessárias e possam proporcionar a esses(as) estudantes a mesma oportunidade de ensino e aprendizagem oferecida aos(as) demais alunos(as).

É importante destacar que a ausência de uma língua comum aos membros da comunidade na qual está inserido o estudante surdo pode também provocar prejuízos à sua socialização. Assim, o processo de interação social do estudante surdo no espaço escolar pode também se apresentar comprometido, visto que a Libras, sua língua materna, não é conhecida por todos os ouvintes.

Diante dos resultados obtidos, também foi notável a observação frente ao papel desempenhado pelos(as) intérpretes de Libras, que também exercem uma função importante no aprendizado dos(as) estudantes surdos(as), contribuindo para a

construção de sólidos vínculos entre os envolvidos nesta socialização dos(as) estudantes surdos(as).

Cabe ressaltar também que, durante a interpretação não ocorre apenas uma organização dos níveis linguísticos de uma língua para a outra, já que a interpretação não é somente uma decodificação, fazendo-se necessário perceber também as dificuldades e limitações do intérprete na prática educacional. É necessária, entretanto, uma atenção para o fato de que a mera participação do(a) intérprete de Libras, em sala de aula, não assegura a aprendizagem do(a) estudante surdo(a).

Diante disso, foi possível compreender que além de ter o intérprete em sala de aula, é importante também que o(a) docente de LP faça uso de uma metodologia adaptada e que resulte numa prática pedagógica eficaz, propiciando, então, um espaço de comunicação e de interação entre o(a) aluno(a) e o docente, valendo-se de estratégias de ensino, de recursos visuais, tecnológicos e, principalmente, de formação na área da Libras.

Nessa perspectiva, a formação de professores de LP que atendem estudantes surdos deve abordar aspectos que promovam reflexões sobre o conceito de inclusão, diversidade, dificuldades e facilidades que perpassam as concepções de estudante, pensando o seu status linguístico, sua relação intrínseca com a cultura, defendendo, para este processo, a necessária formação docente bilíngue, única forma de serem contempladas as especificidades educacionais desses(as) estudantes surdos(as).

Diante disso, a formação docente deve propiciar o conhecimento e a vivência da e na Libras, o uso de materiais bilíngues adaptados a estudantes surdos(as), pois sabemos sobre o papel que esta língua possui no aprendizado da Língua Portuguesa para surdos. É imprescindível, então, pensarmos que a forma de um professor ensinar pode transformar a compreensão de conteúdo, as habilidades didáticas ou valores em ações e representações pedagógicas. Portanto, o ensino necessariamente começa com o professor compreendendo o que deve ser aprendido e como deve ser ensinado.

Conclusões

Sabemos que a Escola é um dos espaços nos quais a leitura e a escrita em LP devem ocorrer, sendo esta a instituição responsável por fazer a transição do indivíduo do seu ambiente familiar para a convivência em sociedade e a responsável pela sua formação humana holística.

Considerando-se esse contexto educacional em que o(a) aluno está inserido(a), percebem-se entre as dificuldades apontadas por docentes quanto ao trabalho com estudantes surdos(as): o desconhecimento e a necessidade de formação na Libras, o que, eventualmente, os impede não apenas de desenvolver os planejamentos de aulas, mas também uma maior integração com os(as) alunos(as) surdos(as) durante as aulas; necessidade de metodologias e de material pedagógico adaptado para o ensino com surdos(as); e dificuldades em tornar as aulas mais acessíveis aos(as) surdos(as).

Diante das reflexões acerca das problemáticas apontadas a partir dessa pesquisa científica, e mediante a participação dos(as) professores(as) de LP, se permitiu o estabelecimento de novos caminhos para a ampliação de discussões em relação à internet como recurso potencializador do ensino-aprendizagem durante o processo de leitura e escrita nas aulas de LP, levando-se em consideração a cultura, a identidade e os aspectos linguísticos em relação ao(a) estudante surdo(a), rompendo com os estigmas de alguém que está impossibilitado de aprender.

Espera-se, ainda, proporcionar aos(às) professores(as) e estudantes surdos(as) oportunidade para momentos de reflexão, investigação, troca de conhecimentos e maior motivação para a leitura e escrita em LP, adotando, assim, metodologias bilíngues ou adaptadas aos(as) estudantes surdos(as) nas aulas de LP.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em 06 de nov. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, Lei de Libras. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2002. Net/2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 06 de nov. 2023.

BRASIL. **Decreto Federal n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Regulamenta a Lei 10.436/2002 que oficializa a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 06 de nov. de 2023.

BRASIL. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 06 de nov. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 06 de nov. de 2023.

CHAVES, Gabriela de Moraes.; ROSA, Emiliania Faria. **O português na modalidade escrita como segunda língua para surdos**: um estudo sobre o uso dos conectivos. Revista Acadêmica de Letras-Português, v. 1, n.2, p. 18-30, 2014.

CARNEIRO, Marília Ignatius Nogueira. NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. **O uso da escrita pelo cidadão surdo no contexto das mídias sociais**. Curitiba: CVR, 2020.

COSENTINO, Hélio Morrone.; MOURA JUNIOR, Álvaro Alves.; COSTA, André Castilho Ferreira da. **Estatística Básica para Tomada de Decisão**. Coleção Seguro & Ensino, v. 1. Fundação Escola Nacional de Seguros – Funenseg Vol. 1. p.108, 2013.

FERNANDES, Sueli. **Língua Brasileira de Sinais: Libras**, 1ª. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

FERRAZ, Janaína de Aquino. **A multimodalidade no ensino de Português como segunda língua**: novas perspectivas discursivas críticas. 2011. 200 f. Tese de Doutorado em Linguística - Instituto de Letras, Brasília – DF, 2011.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias Inov-ativas na educação presencial, a distância e corporativa**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOETTERT, Nelson. **Tecnologias Digitais e Estratégias Comunicacional de Surdos**: da vitalidade da Língua de Sinais à necessidade da Língua Escrita. 2014. 164f. Dissertação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo - RS, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LACERDA, Cristina Boglia Feitosa. **Intérprete de libras**: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 3ª Edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção. **Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo-RG: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. PORTO Alegre. Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. Temas em educação especial IV. EDUFSCar, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Marise Nogueira. Concepção do Ensino Médio Integrado. In: ARAÚJO, Ronaldo; TEODORO, Elinilze. (Org.). **Ensino Médio Integrado no Pará como Política Pública**. Belém: SEDUC-PA, v., p. 144-182, 2009.

SAMPAIO. Nilo Antônio de Souza; ASSUMPÇÃO, Alzira Ramalho Pinheiro de; FONSECA, Bernardo Bastos da. **Estatística Descritiva**. Belo Horizonte, Editora Poisson, 2018.

SANCHÉZ, Carlos. Los sordos deben aprender a leer? Bilinguismo-27-31, 1994. (Org.). **Educación e exclusão**. Abordagens socioantropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Editora mediação, 1997^a.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Camila Michelyne Muniz da. **A interlíngua Português-Libras na produção textual escrita de pessoas surdas adultas usuárias de Libras aprendizes do Português escrito como segunda língua**. Dissertação em Letras - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SOUSA, Anne Carolina Pacheco de; PACHECO, Mery Cristiane Batista. O ensino da língua portuguesa com os alunos surdos da Escola Estadual Prof. Gabriel Almeida Café, na cidade de Macapá – AP. **Littera Online**, v. 9, Edição Especial, p. 358-369, 2018.